

A MÃO QUE AFAGA É A MESMA QUE APEDREJA? Prostituição e violência na vida de jovens mulheres de Mataraca-PB

May the stroking hand stone you? Prostitution and violence in the lives of young women of Mataraca -PB

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p65-74

Resumo

Apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre mulheres jovens que trabalham no comércio sexual, nas áreas rurais da Paraíba. O objetivo da investigação era desmistificar imagens estereotipadas e representações sobre as “prostitutas” e a prostituição, inclusive no que se refere à ideia de que esta prática estaria associada particularmente à dinâmica urbana e ao desenvolvimento urbano-industrial. Quatro pontos se entrelaçam na costura deste trabalho: a iniciação sexual, o desenvolvimento da agência; a discussão sobre prostituição e a violência.

Palavras-chave: Prostituição Áreas Rurais. Violência. Comércio Sexual.

Abstract

In this paper we present the results of a research on young women working as prostitutes in rural areas of Paraíba, Brazil. The aim of the research was to demystify stereotypical images and representations on "prostitutes" and prostitution itself, mainly in respect to the idea that this practice is associated with urban dynamics and urban-industrial development. Four points are inter-woven in the building of this activity: sexual initiation, development agency; the discussion on prostitution and violence.

Keywords: Prostitution. Rural Areas. Violence. Sex Market.

LORELEY GARCIA

PPGS/UFPB

loreleygg@gmail.com

MAYRINNE M. WANDERLEY

Pos doutorado PNPd, PPGS/UFPB Mayrinne Meira

mayrinne@gmail.com

RODRIGO C. GAGLIANO

Pos doutorado PNPd, PPGS/UFPB

rcgagliano@yahoo.it

Durante quase dois anos (entre os meses de novembro de 2012 e outubro de 2014), foi realizada a primeira parte de uma pesquisa que visa comparar a situação de jovens mulheres envolvidas com o comércio sexual nas zonas rurais da Paraíba e Pernambuco. Aqui, destacamos o cenário encontrado na localidade de Mataraca, cidade limítrofe com a terra indígena Potiguará.

O objeto desta pesquisa era elaborar etnografias sobre mulheres jovens que trabalham como prostitutas em regiões, situadas nas áreas rurais e na Terra Indígena (TI) nos dois estados, o que poderá servir para desmistificar imagens estereotipadas e representações, tanto sobre as prostitutas, quanto sobre a prostituição, inclusive no que se refere à ideia de que a prostituição estaria associada particularmente à dinâmica urbana e ao desenvolvimento urbano-industrial.

Mataraca, localizada no litoral norte da Paraíba, é uma cidadezinha com menos de 10 mil habitantes inserida nas zonas de cultivo de cana-de-açúcar. Cortada pela BR 101, no trecho entre Joao Pessoa e Natal, circulam, incessantemente, trabalhadores e agricultores, moradores das terras indígenas, trabalhadores sazonais, caminhoneiros e a população urbana. A cidade se encontra entrelaçada, através de redes comerciais e de parentesco, com as aldeias indígenas, outras cidades e comunidades da região.

A questão indígena nessa região é bastante particular, são indígenas com longas e fortes histórias de contato, misturas e de transformações. Isto é, planos, lógicas e pessoas indígenas não constituem necessariamente uma alteridade claramente divorciável de um mundo não indígena, ao mesmo tempo que o mundo não indígena rural e destas pequenas cidades está fortemente imbricado com universos indígenas GARCIA & NASCIMENTO (2015).

Nesse sentido, Mataraca é um espaço bastante propício para compreender como a prostituição, enquanto prática econômica e sexual, se constitui não na tríplice oposição rural-urbano-terra indígena,

mas, justamente na imbricação de redes comerciais, econômicas, sexuais, familiares e afetivas que cruzam os mundos rurais, urbanos, industriais e indígenas na cotidianidade (*ibidem*).

Nesse artigo, buscamos discutir como a questão da violência permeia a trajetória dessas mulheres a partir de suas histórias de vida, narradas por elas mesmas: se o comércio sexual é o lugar privilegiado da violência ou se a violência ocorre em outros âmbitos de maneira mais marcada.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em 10 viagens para coleta, envolvendo 10 pesquisadores que tinham como missão realizar um mapeamento do comércio sexual do local e entrevistar jovens que trabalhavam no comércio sexual para atender aos objetivos da pesquisa. Foram realizadas 18 entrevistas, nas quais levantamos as condições socioeconômicas; as estruturas familiares; a trajetória sexual, afetiva e reprodutiva; a percepção que tinham sobre a prostituição, trabalho, trocas e desigualdade de gênero; condições de saúde e usos de drogas; vivências com a violência dentro e fora do comércio sexual; suas perspectivas para o futuro.

Em campo, nas primeiras viagens, foi muito difícil achar “prostitutas”, apesar do número considerável de bares com jovens trabalhando, com graus diferenciados de disponibilidade sexual. Esbarramos com silêncios e segredos a respeito do assunto. Mudamos de tática várias vezes, optamos por enviar aos bares apenas pesquisadores do sexo masculino, atuando como clientes, contudo, isso nem sempre funcionava. Verificamos que a aproximação seria mais fácil por meio da rede de conhecidos, contratamos um taxista que foi excelente informante e porta de acesso às moças.

O método mais eficaz para conseguir conversar e entrevistar prostitutas foi o pagamento pelo tempo dispendido na entrevista, equivalente a um programa. Reporta-se um valor de R\$30 por entrevista e R\$20 para cada contato apresentado.

Em verdade, esse tipo de estratégia não é inédita, foi usada por Farley (2005), no estudo sobre as prostitutas do First Nation, no Canadá, como um estímulos pela participação. A presidente da Associação das Prostitutas (APROS), em João Pessoa, Lusa, não concede entrevista senão sob pagamento. Esse tipo de estímulo, em uma região com altos índices de pobreza, desperta o interesse em participar da pesquisa.

Em todo o processo de pesquisa, da primeira viagem até a última, a busca por prostitutas levou os pesquisadores por diversos rumos para desbravar um complexo universo de intercâmbios sexuais e econômicos que articulava sexo, dinheiro, afetos, família e conjugalidade. Toda uma intriga ao redor de categorias diversas, de limites e definições perpassam as entrevistas da pesquisa.

Foi possível detectar a existência de “fronteiras tênues” que puderam ser interpretadas com base em significantes sobre os quais se constroem silêncios, véus ou distorções: “prostituição de fato” e “sexualidades menos regradas”, “meninas danadas”.

A categoria “prostituição” se mostrou bastante limitada para compreender a multiplicidade dos comércios, trabalhos e trocas sexuais. Inclusive para compreender a própria “prostituição”. Porém, a noção geral de “prostituição” atuou como um bom gatilho nas conversas sobre tais distinções, serviu como baliza para nortear as múltiplas formas de intercâmbio que se seguiram.

Discussão prévia - Botar corpo e iniciação sexual:

Na sociedade brasileira, no universo cultural não indígena, a vida de uma pessoa é culturalmente subdivida em algumas etapas: infância, adolescência, vida adulta e velhice. Essas etapas são operacionalizadas por várias instituições, como a escola, define políticas em várias esferas e códigos de leis. Há expectativas, atribuições, direitos e deveres para cada uma dessas etapas elaboradas culturalmente. Há moralidades e proibições distintas funcionando para cada uma delas. Há a norma cultural invisível que define o que

é *apropriado* para cada fase da vida. Naturalmente, as mudanças sociais, em todas as esferas, impactam essas perspectivas.

Nas nossas entrevistas, percebemos que, na puberdade, há uma passagem da infância para a fase adulta diretamente, sem a mediação da adolescência. Tal passagem é marcada pela menarca. Com a primeira menstruação, elas adquirem corpo, passam a ter “coxas”, “peitos”, “bundas”, traços físicos femininos que se desdobram em comportamentos não mais infantis.

Para a maioria delas, este acontecimento biológico marcou também a entrada na vida sexualmente ativa, meninas de 11, 12 ou 13 anos iniciaram parcerias sexuais com jovens de mesma idade ou, não poucas vezes, com homens mais velhos.

Das 18 mulheres entrevistadas, dez iniciaram sua vida sexual no mesmo ano ou no ano seguinte à ocorrência da menarca, independentemente de idade. Os dados sugerem que deve existir, para essas mulheres e suas redes, algum tipo de relação de sentido entre um evento e outro, no entanto, a pesquisa não perscrutou essa seara.

Sobre o parceiro sexual nessa primeira relação, declaram ter iniciado a vida sexual com o namorado. Em alguns casos, a iniciação sexual está diretamente associada à transformação do namoro em um projeto de casamento, apesar da pouca idade. Pesquisas sobre casamento infantil no Brasil (PROMONDO 2015; PLAN INTERNATIONAL, 2014) confirmam essa dinâmica, sobretudo o fato do marido ser, quase sempre, um adulto casado com meninas entre 12 e 17 anos.

Agência

Na tentativa de construir uma visão que desmistifique visões mais consolidadas sobre prostituição, especialmente envolvendo adolescentes, as literaturas nacional e internacional sobre mercados do sexo têm destacado a importância de prestar atenção à “agência”.

A noção de agência atribui ao ator a capacidade de processar uma experiência e criar formas de enfrentamento para situações-problema, mesmo sob condições extremas de opressão. O pressuposto é que, embora inseridos em contextos desfavoráveis, os atores sociais detêm conhecimento e capacidade para resolver problemas, aprender a intervir no fluxo dos acontecimentos sociais e monitorar as próprias ações (GIDDENS, 1984). Agência, seja individual ou coletiva, desmonta abordagens vitimizadoras e teorias que tratam os agentes como meras marionetes das forças sociais.

Optar pela análise da agência, em pesquisa sobre prostituição, permite ultrapassar os limites das leituras que se restringem a explicações com base na vitimização, ou na sobredeterminação. Agência tem a ver com a capacidade de tomar decisões, de assumir e de narrar suas consequências e desdobramentos e também com as possibilidades de restabelecer a vida depois de eventos de violência ou de desastres naturais (DAS, 2007; DAS *et alii*, 2001). Assim, a agência se conecta à capacidade de resiliência.

Nas entrevistas, essas agências ganham visibilidade no fato de chamar a responsabilidade dos acontecimentos da vida para si, evitando vitimizações fáceis; como expressões da própria escolha e vontade, ou exercícios radicais de liberdade.

Quase todas as mulheres trabalhavam de forma autônoma, mesmo quando havia controle dos donos dos bares. Elas constroem estratégias de resistência e impõem limites aos clientes sobre o que é permitido ou não fazer durante os programas.

No exercício da prostituição, ao menos em relação ao uso do próprio corpo, elas adquiriram maior autonomia e controle. São elas que determinam o que, como e por quanto tempo o cliente pode fazer, definem o preço e o menu. Ao vender serviços sexuais, elas se apropriam do próprio corpo, um empoderamento que não possuíam no casamento ou na família.

Prostituição:

A produção das ciências humanas e sociais no país sobre prostituição aumentou nos últimos anos, contudo, ainda há poucas pesquisas voltadas para o Nordeste e, em particular, para a prostituição rural. Nordeste e Amazônia vêm emergindo como novos focos de atenção na articulação entre gênero, sexualidades, mercados, trabalho e território, contudo, ainda de maneira incipiente (OLIVAR, 2013b; GARCIA e NASCIMENTO, 2015). As exceções são pesquisas que investigam a relação entre prostituição, mercados transnacionais e turismo sexual. Piscitelli (2005) tem realizado uma pesquisa de referência, no que se refere ao mercado internacional do sexo no Brasil, que é tratado como “turismo sexual”.

As pesquisas começaram a se desenvolver na década de 1980, na esteira do fortalecimento dos movimentos sociais e sindicais voltados para o comércio sexual. Segundo Fonseca (1996), as pesquisas começam a desvendar a complexidade da prostituição e tentam elaborar uma classificação para práticas e protagonistas (BACELAR, 1982; FREITAS, 1985; GASPARELLO, 1985; PERLONGHER, 1987). São trabalhos que pretendem quebrar com a imagem sedimentada da prostituta, vista como vítima de um processo de exploração capitalista e patriarcal, ou portadora de distúrbios psíquicos (tarada, ninfomaníaca, etc).

A partir da década de 1990, o advento da AIDS redirecionou as pesquisas acadêmicas aproximando-as das organizações não governamentais que trabalham na prevenção de AIDS e na proteção dos direitos das prostitutas e o reconhecimento da profissão (FONSECA, 1996; OLIVAR, 2007).

A dificuldade em encontrar prostitutas, na verdade, constituiu um verdadeiro achado para a pesquisa, pois tal situação levou a reflexões interessantes e à busca mais intrigada pelas mulheres que comporiam a pesquisa. A “dificuldade” propiciou “erros” nos pesquisadores, abriu as portas para múltiplos nomes e exercícios de diferenciação, bem como para o posterior exercício analítico. “Meninas-danadas”, “periguetes”, “pirigas”, “aquela que faz coisa

errada”, “mulheres que conhecem mais homens”, “meninas que trabalham em bar” (mulher que bebe), entre outras, surgem como categorias indicadas por pessoas locais para responder às indagações, enquanto largos silêncios se construía sobre “prostituição”, em suas múltiplas expressões GARCIA & OLIVAR (2014).

Violências: que mãos apedrejam?

A presença de violência, tanto nas histórias familiares quanto nas trajetórias sexuais-afetivas e laborais das prostitutas, é um ponto fulcral nas discussões acadêmicas e políticas. Diversas perguntas foram incluídas nas entrevistas para tentar acessar narrativas sobre violência. Para efeito de organização, categorias foram elencadas: violência na casa materna/paterna, violências sexuais, violência no trabalho (sexual) ou associada à prostituição, e violência conjugal. Evidentemente, existem sobreposições.

Violência na casa paterna/materna:

Das 18 mulheres entrevistadas em Mataraca, 16 forneceram informações sobre a categoria de violência. Algumas declaram não ter sofrido nenhum tipo de violência nas narrativas sobre a infância, não aparecem espontaneamente indícios claros de violência. Noutras, aparecem afirmações que nos permitam apreciar as formas de violência.

Cleide Selma conta que, com 12 anos, teve sua menarca e sua iniciação sexual, com treze foi morar com seu parceiro e começou no mercado sexual. Em certo momento, ela declara: “Agora, pai, ele nunca foi um bom pai, ele judiava muito comigo e meu irmão. A gente apanhava demais”.

Já Neide Sueli comenta que seu padrasto, com quem morava quando criança, foi violento, “muito ignorante”. Ela teve sua menarca com 11 anos, com 13 iniciou sua vida sexual e, com 17 anos, ingressou no trabalho sexual.

Galeguinha relata o seu sofrimento: “[...] eu me senti um pouco rejeitada, a minha mãe... às vezes

tinha essa besteira, batia em mim, batia muito em mim, aí acho que foi isso que me revoltou muito com ela, porque a minha avó não era assim”. Mais adiante, na entrevista, ela explica a violência que sofreu em casa: “Física já, várias vezes [...] Minha mãe, meu padrasto. Na época, por besteira, um arroz que queimasse, uma coisa que não fizesse direito ou esquecesse... apanhava sempre”.

No caso da Cabocla, o pai batia regularmente na mãe, mas nela não. “[...] já minha mãe que dava, mas era uma ‘pisa’ normal. Somente”.

Mulata também lembra de violência na sua casa. O pai batia na sua mãe “muito, de desses arame farpado. De faca, judiou muito com ela”. P: E em você? Batia, já apanhei de chocalho, já apanhei de borracha de sofá”. Ela entrou no mercado sexual aos 19 anos.

Percebe-se que a violência doméstica é corriqueira em alguns casos e, mesmo nos mais esporádicos, é ponto marcante nas entrevistas.

Violências sexuais

Essa categoria inclui diversas formas ou expressões de violência que podem ser associadas à sexualidade; particularmente a atos físicos com fins sexuais, e também assédios ou atos verbais cujo cerne é a sexualidade.

Nas entrevistas, há 14 depoimentos mencionando atos violentos relacionados a sexo forçado, abuso ou estupro.

Neide Sueli faz referência ao marido:

Assim, eu não queria mesmo, naquele dia, mesmo, não, mas ele queria e por amor a ele eu fiz isso, assim, não foi tanto por querer mesmo, por obrigação pelo que eu sentia por ele. Só que eu disse que não, que não, que não, várias vezes, mas ele forçou, forçou, forçou.

Quando foi perguntado a Galeguinha se já tinha sofrido violência sexual, ela disse que “não, graças a Deus não.”, porém, conversando sobre os inícios da vida sexual, o entrevistador pergunta se já tinha sofrido algum abuso sexual ou emocional, ela

responde:

Na verdade não chegou a ser um abuso mesmo, porque ele não chegou a concluir, mas com nove anos de idade, em Recife, na casa da minha tia... [...] Aí ela estava de resguardo e o marido dela era muito safado [...] porque de noite eu dormia no mesmo quarto que ela, aí eu dormia num colchãozinho de solteiro e tinha algumas noites que ele [“tio”- esposo da irmã do padrasto] saía de lá da cama e vinha, passava a mão em mim, ficava alisando, aí eu acordava assim às vezes, no caso eu pensava até que era sonho... Muitas vezes ele tava até nu com o calção arriado nos meus pés, mas aí eu me virava para fingir que estava dormindo, que era para ver se ele saía. [...] Aí eu cheguei a contar pra ela depois, né? Mas ela não acreditou, disse que eu tava mentindo, que o marido dela não era capaz de fazer isso.

No terceiro caso, Mulata tinha 13 anos e “já morava com esse rapaz” com quem teve sua iniciação sexual:

Aí essa minha colega foi e me chamou pra ir pra casa dela, pra gente assistir a novela. [...] Aí quando eu me sentei na cama, aí ela foi e combinou com o marido dela pra fechar a porta de chave. Aí ela foi, fechou a porta de chave e ele me jogou na cama [...] e ela ficou assistindo... [...]. Quando ela abriu a porta eu fui chorando pra casa da dona da vila. E a dona da vila foi e chamou a polícia pra mim. E a gente foi pra delegacia... [...] Ela estava com seis mês de bucho. Aí, pegaram ela e ele e levaram para a delegacia. Aí ficaram espancando eles dois na minha frente [...].

Índia conta:

É já, tipo... uma vez a gente saiu com umas colegas, né? Ai a gente foi, mas ele [um homem com quem teriam saído de carro] queria ficar, mas a gente não ‘tava’ afim [...] Eu e colegas, minhas amigas. Aí ele tentou pegar nós a força, mas aí não teve nada não [...].

Violência Conjugal:

Beleza Negra, respondendo uma pergunta sobre os sonhos futuros, afirmou desejar um marido

bom, porque o que já teve não era: “[...] eu sofri muito com meu primeiro marido, apanhei muito [...]”.

Algumas demonstraram grandes níveis de violência e temores. Cleide Selma apanhou “demais” do pai e com treze anos foi morar com seu marido e começar a fazer programa:

Ai depois eu encontrei esse homem que eu moro com ele hoje ai fui morar com ele na casa da mãe dele, só que eu gostara muito de sair, ai depois eu não queria me acostumar com a vida de casado. Ai ele batia muito em mim [...] Ai ele ameaçava minha mãe, me ameaçava ai mãe tinha muito medo dele ai eu voltei de novo pra morar com ele [...].

Mais adiante, explica:

Ele fica dizendo assim... se eu não voltar pra ele, ele mata mãe, me mata. Porque uma vez ele já deu um tiro, já, mas não... acho que não deu pra pegar não, porque assim de perto você invés de atirar na pessoa você atira no portão. Eu não tive medo não. Mas depois desse dia pra cá mãe ficou com medo, eu morava lá em Cabedelo, foi logo quando ele descobriu que, disse que achava que eu tava traindo ele. Ai eu disse a ele que era mentira. Que não fazia isso não.

Finalmente, perguntada sobre aborto, explica que teve um aborto: “foi quando eu ‘tava grávida’, ele chegou bêbado, bateu muito em mim, eu tava na casa da mãe dele, aí eu perdi, com quatro mês. Mas nunca tive coragem de tirar nenhum”.

A narrativa da Neide Sueli cruza também uma grande violência física e ameaças por parte do marido, sempre gente muito jovem, com afirmações de agência e de força, de violência e de poder por parte dela.

Eu cheguei a casar com um rapaz, ele tinha vinte e poucos anos e ele me batia, né? Ele me batia. Só que nesse bate, bate, bate [...] ia fazer 4 anos que eu morava com ele, só aguentando aquele sofrimento ali. Ele bebia e jogava baralho essas coisas. Aí eu peguei, no que ele veio me bater eu já, tava já com ódio dele já, não sabia se era amor, se era ódio, determinei que tava sentindo ódio dele já mesmo, quando ele

veio pra cima de mim pra me bater eu peguei a faca e enfiei na mão dele. Aí eu mesmo chamei o policial [seu vizinho], aí o policial falou: não, eu tava escutando tudinho, cê tá certa. [...] Porque ele queria assim, no caso que ele me conheceu sozinha, me conheceu em bar, essas coisas, ele queria que eu ficasse só em casa! [disse enfaticamente] entendeu? Assim, só em casa, varresse a frente de casa, dali já pra dentro. Até quando eu ia na casa da minha mãe, na casa de meu pai, meu padrasto [...] Portanto que nosso relacionamento se acabou, foi bem já por isso: porque ele me batia e não queria que eu fosse na casa da minha família. Não existe você viver sem ter contato com sua família [...] Quando eu deixei ele, ele ficava me perseguindo no bar, me perseguindo nas estradas, me ameaçando, aí eu entreguei ele à polícia daqui. A polícia daqui tomou as providências aí ele me deixou em paz. Aí ele viu que eu comecei a botar homem mesmo na cara dele, aí ele desistiu.

Mulata, por fim, afirma que sofreu um estupro com 13 anos e apanhava do pai. A violência foi uma constante na sua vida conjugal. Sobre o primeiro marido, ela diz:

[...] tive uma filha com ele, mas ele me espancava muito aí eu perdi a criança, ela nasceu de sete meses, ela morreu com problema de respiração aguda.

Entrevistador: Ele sempre te espancou ou isso foi depois?

M: Depois que eu fui morar com ele. Quando eu namorava com ele, era um amor de pessoa.

E: Ele trabalhava com o que?

M: Com nada, com droga mesmo. Cheirando uma lata de droga.

E: Como é que vocês se mantinham nessa época?

M: Pela família dele.

A violência e o relacionamento chegaram ao fim quando ela percebeu, enfim, com que tipo de pessoa insensível a sua dor esteve casada:

Entrevistador: nesse período que você passou com ele, quando foi o estopim pra você...

Mulata: quando eu tive minha filha que eu tava [no hospital, sangrando], que ele mandou um recado dizendo que se eu não morresse

tava bom demais, mas a menina morrendo não tinha problema não, porque a gente fazia mais. Aí pra mim isso foi o fim entre nós dois.

No caso do segundo marido, ela conta:

[...] eu amava ele. Uma vez ele espancou minha mãe e eu fiquei em favor a ele.” Mas também foi um sofrimento, com o pai desse menino também [...] como todo casal, né? Briga, apanha. [...] Batia, ainda tive mais dois filhos dele, os três... [...] [eu estava com] 17 pra 18 anos quando eu conheci ele [...] [não estudava mais], só vivia assim em bar, andando com as colegas. Bebendo [...] sei lá, por ciúmes besta. Eu não podia sair fora [...] Eu era nova, né? Só gostava de andar com roupa curta. Eu acho que era por isso [...] Só depois que eu engravidei do meu filho. Que aí eu conheci um coroa que me ajudava muito [...] eu comprei o enxoval do meu filho, ele achava que era a minha mãe quem me ajudava. Aí depois que eu tive meu filho aí eu me afastei desse coroa.

Violência no mercado sexual

Inserem-se aqui formas de violência diretamente associadas à experiência destas mulheres no comércio do sexo, tanto nos espaços e nas dinâmicas da prostituição, ou trocas no espaço público ou privado.

A maioria das entrevistadas declarou não ter sofrido qualquer tipo de violência associada ao trabalho, em apenas quatro casos aparecem referências mais ou menos explícitas à “violência”.

No primeiro deles, Índia diz: “[...] quando eu trabalhei na casa de drink, né? A gente era forçada a beber, a ficar com pessoas que a gente não queria...”

O que resulta interessante é que Índia não fornece essa informação quando é perguntada sobre violências, porém, quando está explicando porque é melhor trabalhar “por conta própria”. Isto é, podemos associar com violência para a análise, mas, provavelmente, ela não associa. Certamente, para ela é algo desagradável o que abandonou: “Então, eu achei melhor seguir por conta própria”.

No segundo caso, a Darlene afirma não ter sofrido nunca nenhuma violência física, “mas às vezes tem uns homens cheios de grosseria, que falam muita besteira. Eles tratam a gente como uma qualquer[...]”. Soninha responde afirmativamente, mas não se sente cômoda e nem deseja falar. Mas, assume apenas que sofreu violência física e que não denunciou.

Cabocla narra uma cena de “humilhação” sofrida, vinda da parte da esposa de um cliente. A cena, veremos, resulta em briga e medo:

Aconteceu comigo já, de um homem casado, a mulher veio né? Tomar satisfação [...] Ai ela chegou lá “você tá com meu marido, sua rapariga safada”, começou a me esculhambar, né? A humilhar, né? E “eu quero saber quem era o “cabra” porque vinha muitos [...] Aí a gente pegue se agarramos nós duas, se agarramos. Aí foi na hora que ela disse o nome do marido dela aí eu disse “ah sim, então pronto”. Aí depois que eu soube que ele era casado, que a mulher dele tinha ódio de mim, aí eu fiquei com medo pra não acontecer outra vez, né?

Cabocla narrava, anteriormente, sua experiência de violência conjugal. Naquele momento, o marido a insultava lembrando-lhe o fato de a ter “tirado” do bar e usava palavras como “rapariga” e “safada”, para humilhá-la. Posteriormente, quando responde sobre *outras violências*, ela conecta e desdobra essa paisagem de “insultos e xingamentos” do espaço íntimo da relação conjugal para o mundo social do espaço público. “Só bullying mesmo, né? O povo me chama de rapariga, ‘que você é uma rapariga safada’ que eu fico com um e com outro [...] Normal, é o que o povo fala mesmo”.

Pensamos que nos depararíamos com um número mais alarmante de violência do trabalho, em especial por parte dos clientes, no momento em que o intercâmbio sexual estaria para ocorrer, durante o ato, ou mesmo depois.

Existem possibilidades desse número reduzido estar diretamente associado à agência delas nos processos de negociação, já que, neste momento, elas conseguem impor certas regras, demarcando

alguns limites, uma tentativa de blindagem corporal e emocional.

Com relação aos espaços do trabalho sexual, especialmente numa lógica de resistências cotidianas, de construção de limites e de autocuidado, se podem apreciar espaços de “agência” também muito importantes. Ainda no plano das dinâmicas e “táticas” no mercado sexual, está a capacidade de prevenir ou se proteger de violências potenciais.

Enfim, essas entrevistas nos levam a pensar nas histórias de miséria e de fortes e repetidas experiências de violência. Com os dados disponíveis, é irresponsável traçar causalidades e correlações mais precisas, contudo, essa evidência chama a atenção e faz necessariamente pensar na fratura ou na limitação dos espaços de agência e os ciclos de violência.

Discussão Final

Essa pesquisa está colocada no centro de muitos embates, pois o trabalho dos pesquisadores tentou sempre “desmistificar” a vitimização. Aqui, o foco foi desviado da exploração sexual, ou as rotas de tráfico de pessoas, para a busca de uma compreensão das experiências de mulheres jovens que se prostituem nesses territórios (indígenas, misturados, pobres, nordestinos, rurais) altamente estigmatizados e objeto de políticas de controle e “desenvolvimento”. Propusemos um olhar desde dentro, que deslocasse os discursos petrificados sobre o tema, a partir da produção de conhecimento construído empiricamente.

Por isso, destacamos a importância de se “levar a sério” as explicações das mulheres, suas experiências, seus pensamentos, os sentidos que sua participação nas trocas sexuais ou na prostituição tem para elas.

A costura entrelaça o momento de “botar corpo” como marco inicial da vida sexual feminina, a agência, a profissão e a violência na vida dessas mulheres. O próprio conceito de prostituição pareceu demasiado estreito para descrever as práticas com o que nos depararmos em Mataraca. Contudo, uma

coisa ficou clara: a violência está muito mais presente no âmbito doméstico do que em ambiência do mercado do sexo.

As entrevistas demonstram que a violência é recorrente e está presente no ciclo de vida inteira: na família, na vida sexual prematura, nas relações afetivas, na relação com os donos de bares, na relação com os clientes, entre as colegas de vida no bar, etc.

A possibilidade da prostituição surge, em muitos casos, como resposta à violência, ao medo, ao abuso, à falta de poder em situações nas quais elas não têm controle, como na família. As jovens mulheres que se prostituem nas áreas rurais e litorâneas na Paraíba convivem com a exploração sexual há anos e, para tolerar situações nas quais a experiência da violência masculina e objetificação do corpo fazem parte da experiência cotidiana, constroem mecanismos de resistência ou aceitação.

As jovens prostitutas que encontramos no interior da Paraíba são provenientes de famílias rurais, altamente hierarquizadas, nas quais as mulheres ocupam uma posição inferior, são controladas e estão sujeitas a múltiplas formas de violência.

O contexto desfavorável torna a prostituição, ainda na adolescência, uma possibilidade de enfrentamento destas trajetórias familiares, ao menos podem conquistar o direito ao próprio corpo.

Referências

BACELAR, Jeferson Afonso (1982). *A família da prostituta*. São Paulo. Editora Ática.

DAS, Veena (2007). *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.

DAS, Veena; KLEIMAN, Arthur, et al (2001) *Remaking a world: violence, social suffering and recovery*. Berkeley: University of California Press.

FARLEY, Melissa & LYNNE, J. (2005) Prostitution of Indigenous Women: Sex Inequality and the Colonization of Canada's First Nations Women. *Fourth World Journal* 6 (1): p. 1-29. Available at http://www.cwis.org/fwj/61/prostitution_of_indigenous_women.htm.

FONSECA, Claudia (1996). "A dupla carreira da mulher prostituta". *Revista Estudos Feministas*, v. 4, n. 1.

FREITAS, Renan S. (1985). *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

GASPAR, Maria Dulce (1985). "A literatura sobre prostituição". In: *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Zahar.

GIDDENS, Anthony (1984). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

GARCIA, Loreley; NASCIMENTO, Silvana (2014). "Family Girls: A Study about Juvenile Prostitution in the Indigenous areas in Northeast of Brazil. In: *International Journal of Women's Studies and Gender*.

GARCIA, Loreley & OLIVAR, Jose Miguel (2014). Relatório Final Projeto Sem Reservas. PNPd/CAPES.

NASCIMENTO, Silvana ; GARCIA, Loreley (2015). "Nas armadilhas do desejo: privações e movimentos de jovens prostitutas em zonas rurais". Caderno CRH, n.28, 74.

OLIVAR, JMN (2013). *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: UERJ/CLAM.

OLIVAR, JMN (2011). "Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol 26, nº 75: p. 89-189, fevereiro.

PERLONGHER, Nestor (1987). *O Negócio do Michê. A prostituição viril*. São Paulo: Editora Brasiliense.

PERLONGHER, Nestor (2009). “Entre as ‘máfias’ e a ‘ajuda’: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. *Cadernos PAGU* (31): p. 29-64, julho-dezembro.

PISCITELLI, Adriana (2005). “Apresentação: gênero e mercado do sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25: p. 7-23, julho/dez.

PLAN INTERNATIONAL (2014) POR SER MENINA NO BRASIL. Crescendo entre Direitos e Violências. Pesquisa com meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil

TAYLOR, A; LAURO, G.; SEGUNDO, M.; GREENE, M. (2015) “Ela vai no meu barco”. CASAMENTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO BRASIL. Resultados de Pesquisa de Método Misto. Instituto PROMONDO.

Artigo recebido 20/05/2016
Artigo aceito 31/07/2016